



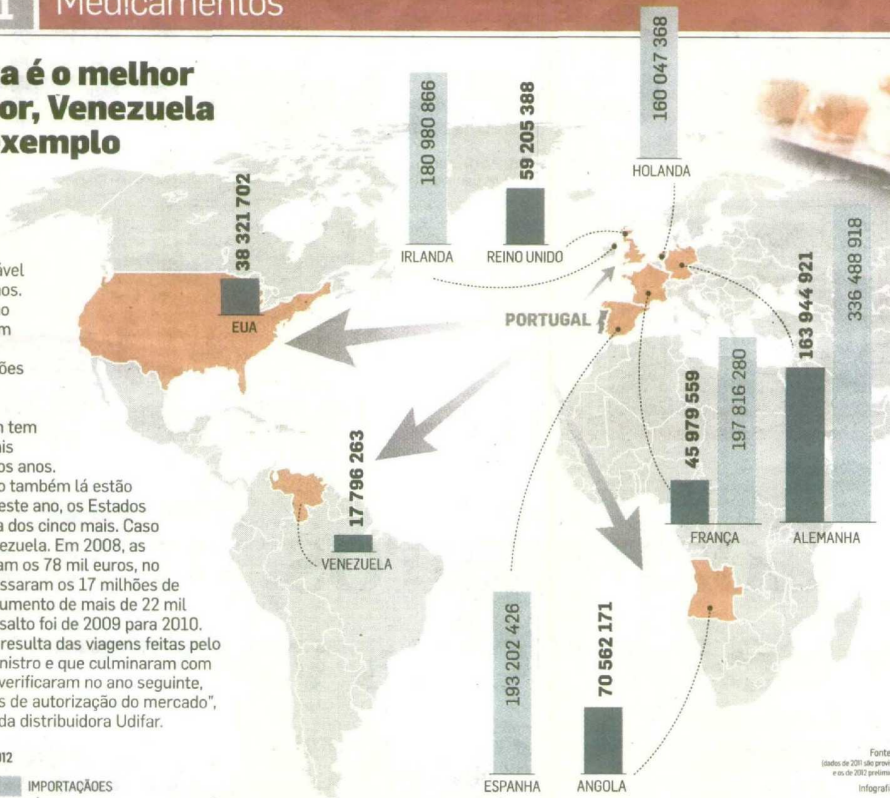
Atual 1 Medicamentos

Alemanha é o melhor comprador, Venezuela é o bom exemplo

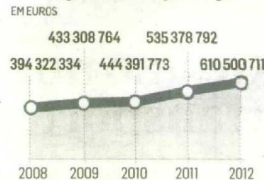
A lista dos cinco países para os quais mais exportamos tem-se mantido estável nos últimos cinco anos. A Alemanha surge no topo, sempre com um volume de compras acima dos cem milhões de euros. No ano passado, seguiu-se Angola, que também tem sido um dos principais mercados dos últimos anos. França e Reino Unido também lá estão e pela primeira vez, este ano, os Estados Unidos estão na lista dos cinco mais. Caso exemplar é o da Venezuela. Em 2008, as exportações rondavam os 78 mil euros, no ano passado ultrapassaram os 17 milhões de euros. Ou seja, um aumento de mais de 22 mil por cento. O grande salto foi de 2009 para 2010. "É um aumento que resulta das viagens feitas pelo anterior primeiro-ministro e que culminaram com contratos que só se verificaram no ano seguinte, devido aos processos de autorização do mercado", explica Pedro Pires, da distribuidora Udifar.

VALORES EM EUROS, EM 2012

■ EXPORTAÇÕES ■ IMPORTAÇÕES



Evolução das exportações



Total em 2012



Fonte: INE (dados de 2011 de provisões e os de 2012 preliminares) Infografia DN

Farmácias estão sem remédios mas indústria exporta mais

Saúde. Em apenas um ano, as exportações cresceram 14%. Estrangeiro é a solução de empresas e grossistas para equilibrarem as contas quando no mercado nacional as farmácias não têm dinheiro para fazer compras

ANA MAIA

No ano passado, a indústria arrecadou mais de 610 milhões de euros com a exportação de medicamentos. Há cinco anos, este valor não chegava aos 400 milhões. Para as empresas e os grossistas, esta é uma opção obrigatória para fazer face a um mercado interno cada vez mais pobre. A culpa, dizem, é da descida de preços, apontada também como principal responsável pela decadência das farmácias que se queixam, a par dos utentes, de falta de remédios.

"Portugal tem um mercado pequeno, os preços têm descido muito e a estratégia, quase obrigatória, é partir para o estrangeiro. Estamos a apostar no continente africano e no Médio Oriente. Exportamos antibióticos, anti-inflamatórios, analgésicos, cardiovasculares, sistema nervoso central e digestivo", diz ao DN Paulo Lilaia, presidente da Associação Portuguesa de Genéricos. Vendem marcas próprias e produzem para marcas noutros países.

Têm contato com a ajuda do Infarmed e da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, que também têm uma parceria com a Apifarma no projeto Pharma-Portugal, que envolve 15 empresas nacionais,

na busca da internacionalização na África do Sul, no Peru, na Colômbia e nos países árabes. "A exportação é um instrumento importante para fazer face aos elevados custos de investigação e desenvolvimento de novos medicamentos", aponta a Apifarma, que vê o crescimento das exportações como "um sinal de que tem sido possível dinamizar um sector importante para a economia nacional nesta fase crítica em que o País e as empresas farmacêuticas se encontram".

As vendas passam também pela exportação paralela. Uma atividade legal, desde que não provoque falhas no mercado nacional, permitida aos grossistas. E que tem sido uma solução para equilibrar as contas. "Quanto pior fica o mercado, mais apetecível fica a exportação paralela. Se a distribuição não consegue atingir resultados com a venda às farmácias, tem de os conseguir de alguma maneira. A indústria tenta reprimir a exportação, colocando a conta-gotas no mercado nacional e condicionando a oferta", diz Pedro Pires, da distribuidora Udifar.

"Os grossistas encontram neste negócio a forma de compensar o mercado interno, em que a sua atividade é deficitária. Este fenómeno,

associado a políticas defensivas de abastecimento dos mercados europeus por parte de indústrias farmacêuticas tem conduzido a frequentes ruturas de stock nas farmácias, prejudicando o acesso dos portugueses a medicamentos de que necessitam", aponta Maurício Barbosa, bastonário dos farmacêuticos.

Anti-histaminicos, antiansiolíticos, anti-hipertensores, remédios para o colesterol e área neurológica são alguns dos mais difíceis de encontrar. "Numa folha de encomendas vem um terço dos remédios. Uns estão rateados, outros em falta e sob consulta. São sempre medicamentos de marca e quase sempre caros. Os laboratórios têm medicamentos e alguns dizem para os comprarmos diretamente para os comprarmos diretas."

Os laboratórios garantem que abastecem o mercado e apontam, com base num estudo, a exportação feita pelos grossistas como uma das principais causas para o desabastecimento. "Em 2012, a exportação paralela em Portugal superou os 73 milhões de euros e os principais países de destino são a Alemanha, a Holanda, o Reino Unido, onde, em média, os preços chegam a ser o dobro dos

praticados em Portugal", refere a Apifarma.

Ao Infarmed, desde que criou o mapa das farmácias, foram comunicadas falhas de oito substâncias. Mas, nos últimos dois anos, o Infarmed realizou 76 inspeções a entidades suspeitas de exportação ilegal, que resultaram em 68 coimas num valor superior a 500 mil euros. O organismo está a preparar regras para a distribuição.

Mas o problema vai mais além. "Os medicamentos que estão em rutura são mais do que essas referências. As farmácias têm dificuldade em comprar porque não têm dinheiro", diz Pedro Pires. Uma opinião partilhada por Paulo Duarte, da Associação Nacional de Farmácias, que dá outra achega: "Temos 279 farmácias em situação de penhora ou insolvência. Já temos localidades pequenas sem resposta. No distrito de Portalegre há quem tenha de se deslocar 20 a 30 quilómetros." Segundo o Infarmed, 12 farmácias estão de portas fechadas por razões financeiras.

Isaura Martinho, da farmácia Marvila, concentrou as compras num distribuidor para ter melhores condições de compra. "As farmácias não pagam aos distribuidores e estes aos laboratórios. Enquanto houver medicamentos mais baratos do que um chocolate, ninguém consegue sobreviver. E quem perde é o doente", diz.

Mais de 270 farmácias estão em situação de penhora